

O Astro da Anistia

Joaquim Alves de Aguiar

Fernando Gabeira foi um dos grandes acontecimentos da mídia na época da Anistia, decretada em 1979. Segundo certa ala da esquerda menos ortodoxa, ele voltava do exílio dizendo coisas novas: a política do corpo no lugar da luta armada, a conquista do poder por vias pacíficas, o prazer aqui e agora, a defesa das vítimas do machismo da sociedade, a luta de classes e a luta pela felicidade individual ao mesmo tempo etc. Como era de se esperar, essas questões, na voz de um homem que havia tomado parte da esquerda armada, provocaram maior impacto que o retorno de outros exilados com mais fama na história política do Brasil. As coisas levavam a crer que Gabeira tinha evoluído com o exílio e outros não. Estes pareciam retornar tal como tinham saído, sem as revisões de si mesmos ou das idéias políticas que professavam. Gabeira falava aos jovens, principalmente. Era como se por aqui as coisas não tivessem avançado, ou avançado pouco, e o contexto esperasse a pregação de um novo Messias, um pacifista vindo de larga experiência num país avançado como a Suécia, onde a luta de classes não se colocava nos termos da nossa, gerando, assim, questionamentos mais sofisticados em nosso experiente exilado. Como um *enfant terrible* das esquerdas, era assim que Gabeira retornava - para brilhar no cenário político e cultural daquele momento.

A verdade, contudo, é que a descompressão dos costumes e a crítica aos grilhões que certo esquerdismo impunha ao indivíduo - só a luta de classes interessa; o pessoal deve diluir-se no coletivo - vinham de longe, desde 1968 pelo menos. Já na época da luta armada, os militantes se opunham aos “desbundados” que, entre outras coisas, ouviam *rock*, puxavam fumo, faziam artesanato, saíam pelo mundo e se alinhavam à cultura *hippie*. A arte, decerto mais flexível que a política às demandas do subjetivo, e sobretudo a música popular, já vinham tensionando a criatividade com os programas de resistência à ditadura. Em 1977, por exemplo, Caetano Veloso convidava seu público a dançar. “Odara”, o carro-chefe de seu LP *Bicho*, havia causado certa polêmica ao promover os prazeres do corpo num momento ainda tenso, em que os esforços coletivos pela redemocratização do país andavam na ordem do dia. No mesmo disco, havia outra canção, “Tigresa”, que se referia a uma moça que “gostava de política em 1966 / e hoje dança no *Frenetic Dancing Days*”, famosa danceteria da época. Como costuma acontecer, a onda logo seria capitalizada pela mídia numa telenovela de sucesso justamente chamada *Dancing Days*. Em 1979, Rita Lee firmava sua carreira-solo, segundo se dizia, apurando o princípio do prazer com a canção “Mania de você”. A contracultura já havia encerrado seu ciclo, tendo produzido coisas interessantes no âmbito da poesia, do jornalismo e da música popular. Certamente os tropicalistas, e mais Jards Macalé, Luís Melodia, Walter Franco, Raul Seixas, Wally Salomão, Luís Carlos Maciel, Cacaso, Ana Cristina César - a lista seria extensa demais - não eram, de modo algum, artistas ou intelectuais de direita e, entretanto, nenhum deles desconsiderava as demandas do prazer pessoal e da felicidade em suas obras. Além disso, o PT, já naquele tempo em fase de formação, surgia como um partido arejado, capaz de absorver novas posturas ao lado das outras, mais ortodoxas.

Qual era então a novidade de Gabeira? Talvez o fato de ser ex-guerriheiro e de trazer ao debate questões gestadas a partir de sua experiência nos quadros de uma organização esquerdista. Noutras palavras, ele operava uma crítica “desde dentro” e, logo, mais “autorizada” que as críticas feitas de fora aos integrantes da esquerda. Nesse sentido, sua posição era, digamos, privilegiada, de modo que ele podia capitanear as polêmicas da época entre os adeptos do prazer e da política. Mas quem era Fernando Gabeira? Salvo engano, tratava-se de nome pouco conhecido fora dos meios da esquerda militante. Estava longe de ser um José Dirceu, um Wladimir Palmeira, um Luís Travassos, líderes estudantis que chegaram às primeiras páginas dos jornais e às capas das revistas em 1968. Nem era um Francisco Julião, um José Ibrahim, um Paulo

Freire, um Augusto Boal. Muito menos D. Hélder Câmara, D. Paulo Evaristo, todos eles figuras célebres da esquerda ou da resistência à ditadura militar no Brasil. Ocorre que Gabeira chegava ao país a tempo de lançar um livro, escrito nos últimos tempos do exílio, que causaria impacto e que o tornaria famoso da noite para o dia. Trata-se, como estamos cansados de saber, de *O que é isso, companheiro?*.¹ Essa combinação de chegada do autor e publicação do livro, um livro escrito para contar histórias de sua participação numa história àquela altura recente e encoberta pela ditadura, faria decolar a carreira de Gabeira, um jornalista doublê de escritor, até então praticamente desconhecido do público, que fazia a revisão, quase no ato, do período difícil que ia se acabando (os chamados “Anos de chumbo”), na perspectiva de quem havia tomado parte da luta armada. Com efeito, houve um autêntico *frisson*. As declarações dadas por ele, em inúmeras entrevistas, ampliavam o discurso do livro, promovendo obra e autor ao mesmo tempo. Explodia, assim, um *best seller*, talvez o maior das letras nacionais naquela virada de década.

Ao rés-do-chão

Num fim de tarde, um jornalista em início de carreira, embora já entrando na idade madura, resolve tomar um pouco de ar fresco na sacada do prédio do *Jornal do Brasil*, onde trabalhava, de frente para a avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro. De repente, o trânsito engarrafa e ele vê uma passeata de estudantes gritando: “Abaixo a ditadura!”. Já tendo certa participação em movimentos de resistência ao golpe de 64, a simpatia pelo que se passava embaixo é imediata: o país enfim acordava na voz daqueles jovens em coro ainda tímido (não mais de 50 pessoas), mas que tenderia a crescer, e rapidamente. Daí por diante, diz o narrador, “sempre que possível descia as escadas sorrateiramente, protegido pela cumplicidade amistosa dos companheiros de trabalho, e já estava no meio da massa, como dizíamos na época” (p. 55). É numa dessas descidas que o rapaz entra em contato com participantes do grupo da Dissidência do PCB, a DI-Guanabara, à qual se filiara, quase de pronto.²

Corria o ano de 1968 e a agitação política era intensa. No final daquele ano famoso, o governo decreta o AI-5, um golpe dentro do golpe, e com ele declara o fim das liberdades de expressão, pondo termo às manifestações contra o regime militar. No ano seguinte, já na clandestinidade, os membros da DI resolvem seqüestrar o embaixador americano (Charles Elbrick), com o intuito de negociar a libertação de Vladimir Palmeira, o mais visado líder estu-

dantil do país, preso nos cárceres da ditadura. Para tanto, a DI recorre ao apoio da ALN (Aliança Libertadora Nacional), com sede em São Paulo e mais experiente em ações armadas. O seqüestro é realizado, e com sucesso retumbante, nos primeiros dias de setembro de 1969. Com poucos recursos, a rapaziada afrontava nada menos do que uma ditadura militar típica dos trópicos e a diplomacia da mesma ditadura junto à grande potência imperialista do mundo. Uma das passagens mais cômicas do livro refere-se à reação de Richard Nixon ante a notícia da captura do seu representante no Brasil: “que merda é essa?”, teria indagado o então presidente dos EUA. A expressão não poderia ser mais significativa, pois havia mesmo o costume de chamar o nosso subcontinente de “América Latrina”, quintal onde defecava o imperialismo norteamericano. Aproveitando-se da ação bem-sucedida, os guerrilheiros resolvem faturar a experiência e conseguir a libertação não mais de apenas um, mas de um lote de quinze prisioneiros políticos, afinal todos levados ao México, país que lhes deu asilo.³ Gabeira, que participara do seqüestro, e que passara a viver na clandestinidade, é preso alguns meses depois. Em junho de 1970, é libertado noutra leva de prisioneiros, agora levados à Argélia, graças a outro seqüestro, desta vez do embaixador alemão.⁴ Começam assim suas andanças pelo exílio, um exílio que duraria quase dez anos, assunto tratado quase que de esgueira ao longo de *O que é isso* mas que voltará com a força de tema principal no livro seguinte, *O crepúsculo do macho*.⁵ *O que é isso, companheiro?* termina com o narrador dando um prosaico adeus a seu país: “Tchau, Brasil”.

Este é o argumento geral do livro. Mas nele as coisas não são assim, lineares, e a rigor não poderiam ser assim tão drasticamente resumidas. Habilmente, o narrador vai intercalando planos narrativos com acontecimentos de épocas diferentes, com descrições de detalhes, com fartas meditações sobre a experiência vivida e doses ardidadas de crítica às organizações de esquerda no Brasil. Iremos a esses aspectos adiante. Por ora vamos ficar com o seguinte: quem era aquele, de certa forma, estranho no ninho, mais velho que a meninada que tomava as ruas, nem estudante, nem intelectual, nem militar rebelado, nem padre progressista, nem político de esquerda, nem operário de fábrica, nem sindicalista engajado? O que o teria motivado a integrar as passeatas para, daí a pouco, tomar parte de um grupo clandestino de esquerda? Desejo de aventura de um rapaz descontente com a vida que levava? Impulso de cidadania no mesmo rapaz, revoltado com o governo impostor? Provavelmente as duas coisas, decerto misturadas à vontade de extravasar, de ser alguém, de pôr em curso a expressão de seus dramas existenciais. De fato, a atração podia ser irresistível para alguém em disponibilidade, entrando na idade madura, a car-

reira jornalística por fazer e, ao que parece, vivendo meio precariamente, sem dinheiro e um pouco à revelia. A se considerar, também, que qualquer criatura pensante, na época, teria tido vontade de “descer”, de tomar parte daqueles manifestações contra um regime hediondo, que se sustentava graças a um golpe de Estado que oprimia largos setores da sociedade e massacrava os trabalhadores humildes do país.

Imagino toda essa combinação de fatores empurrando o rapaz para a luta armada. Eram tempos em que o convite à ação vinha primeiro e a reflexão depois. É possível ainda que sua formação fora da militância e nos quadros da vida de um pequeno-burguês na grande cidade, às voltas com a sobrevivência e o futuro, tenha contribuído para moldar a visão do narrador do livro sobre os acontecimentos que lhe tocaram viver e, principalmente, sobre os grupos de esquerda que militavam no país. Mais velho e experiente que os jovens militantes, a maioria recém-saída da adolescência, ele chega a Dominginho, talvez o personagem mais emblemático da narrativa, cujo contraste entre a tenra idade e a militância aguerrida o intrigava, e pergunta: “Dominginho, por que é que você não compra um álbum e vai colecionar figurinhas? Por que você não arranja uma namoradina e vai acariciá-la num banco de jardim?” (p. 56). Note-se, na citação, os diminutivos reforçando a imagem quase paternal do rapaz que se dirige ao rapazinho, que por sua vez lhe responde, em pé de igualdade, horizontalizando, assim, a relação: “O que é isso, companheiro?”. Surge então a pergunta-título do livro; e se mostra o núcleo ideológico da narrativa: a impossibilidade vista pelo narrador de combinar as demandas existenciais às políticas entre os da geração que despontava na luta partidária contra o regime militar: “Eram capazes de localizar todas as intenções escondidas num discurso político, apontar as causas econômicas de uma certa vida histórica. No entanto, faziam uma leitura linear dos sentimentos” (p. 57).

A pergunta retornará em ponto mais adiantado e tenso da ação. Às vésperas do Natal de 68, já decretado o AI-5, o narrador e um companheiro distribuem, perigosamente, nas ruas apinhadas de Copacabana, exemplares do jornal *Resistência*, porta-voz da organização clandestina a que ambos pertenciam. Corriam, conforme o narrador, dois enredos paralelos: de um lado, a população consumindo, alheia aos dois militantes ali, em seu Volkswagen, engarrafados no trânsito intenso; de outro, perseguida pela polícia, “gente fugindo de casa, limpando suas estantes de livros suspeitos” (p. 95). É quando ocorre ao narrador propor ao amigo convidarem para uma volta de carro uma mulher que o paquerava na rua. Outra vez a pergunta: “O que é isso, compa-

nheiro? Não vê que estamos com carga pesada?”. Mas o narrador insiste, a moça não é da polícia etc. E, de novo, a pergunta-título; “O que é isso, companheiro? Além do mais o sinal abriu. Toca pra frente” (p. 95). A pergunta, que é também uma resposta, seja feita pelo menino, seja pelo companheiro de missão arriscada, indica sempre um chamado à consciência e ao compromisso revolucionário do homem inclinado ao desvio, que à sua maneira tenta entretecer os enredos, abstraindo-se, no segundo caso, da “carga pesada”. Mas ocorre, para decepção do narrador, que os enredos seguiriam mesmo paralelos, daí o “toca pra frente” dito pelo colega de militância. A pergunta-título, como se vê, resume bem o livro. Segundo o narrador, a militância não levava em conta os anseios individuais: “eu tinha medo que de um lado ficassem aqueles que entendem de pessoas e do outro aqueles que entendem de política partidária” (p. 57).

In medias res

O livro tem a força dos testemunhos, mas, segundo se diz, teria traído os fatos. A luta armada não teria sido somente uma aventura de jovens despreparados, como sugere o narrador. Além disso, sendo o autor figura secundária na organização esquerdista a que pertencia, a narrativa teria “vitaminado” sua participação naqueles eventos e, principalmente, no seqüestro do embaixador americano, o ponto alto do livro. Talvez sejam essas críticas mais severas feitas a *O que é isso, companheiro?*.⁶ Elas objetivam reduzir a autoridade do narrador ex-guerrilheiro, cobrando-lhe cotas de veracidade no relato que produziu e, vamos dizer, maior respeito para com a luta de uma geração que, em tantos casos, deu a vida por aquela que talvez seja a mais nobre das causas. Realmente, o livro é puxado pelo depoimento, mas todos sabem que vai além disso. Trata-se da memória de uma época contada pelo recorte de uma experiência bastante particular. Em *O que é isso, companheiro?*, os acontecimentos narrados competem com o impacto que produzem na subjetividade do narrador. Um narrador cujo mal-estar é flagrante. De fato, tratando-se de homem pouco talhado para as tarefas da revolução, de uma espécie de estranho no ninho, conforme dissemos atrás, não surpreende muito a ironia, mobilizada por um claro ressentimento, com que ele encara a postura dos militantes e os projetos da esquerda armada. A considerar, também, o fato de que a melancolia devia atravessar as ações guerrilheiras, que se multiplicavam no Brasil, sem o apoio das massas, na mesma intensidade com que provavelmente se saboreava a euforia por qualquer batalha ganha numa guerra que,

como tantas outras, podia estar perdida no instante mesmo em que foi deflagrada.

Mas é preciso considerar o trabalho do autor com sua matéria. Um trabalho que mescla vários recursos, levando o livro a zonas de indefinição entre o testemunho, a reportagem, o documento, a autobiografia, a memória e, não poderia deixar de ser, a ficção - uma ficção mal-intencionada, diriam alguns, embora inegavelmente bem construída. Habilidade no modo de organizar seus assuntos, com cortes repentinos da ação e sobreposições do tempo, com várias estratégias de sedução do leitor, com tratamento das figuras evocadas como se elas fossem personagens, com cuidados meticulosos com o estilo, Gabeira procede como se estivesse escrevendo um romance. Supondo que a guerrilha tivesse ganho a luta, o livro perderia a razão de ser, ou pelo menos as ambigüidades que o tornam interessante e complexo. Obviamente, isto nos leva ao caráter fortemente ideologizado e polêmico da matéria, um dos fatores que parece manter o livro em pé, mais de vinte anos depois de sua publicação. O que parecia ser narrativa datada, escrita para faturar o instante, acabou sobrevivendo à ação tantas vezes impiedosa do tempo em matéria de arte. Parece ser consenso que as histórias daquela época ainda não foram de todo contadas.⁷ O livro de Gabeira, e outros que seguiram a mesma trilha, devem contribuir para empurrar à esfera do mito o que foi impiedosa realidade.

Como nas narrativas épicas tradicionais, Gabeira começa *in medias res*, ou seja, tentando fugir da repressão nas ruas de Santiago do Chile, em pleno golpe militar que acabara de derrubar o presidente Salvador Allende: “Irrrazabal chama-se a rua por onde caminhávamos em setembro. É um nome inesquecível porque jamais conseguimos pronunciá-lo corretamente em espanhol e porque foi ali, pela primeira vez, que vimos passar um caminhão cheio de cadáveres” (p. 11). Estas são as primeiras sentenças do livro. O sumo da narrativa pode ser percebido ali: a preocupação com a linguagem (como pronunciar corretamente Irrrazabal?), a memória (o nome inesquecível da rua), o terror da ditadura (o caminhão cheio de cadáveres) e a fuga, pois, de cara, intuímos que os caminhantes estão ali procurando escapar daquela situação apavorante: seu rumo é a embaixada argentina, onde pretendem abrigar-se, conforme saberemos logo em seguida. Essas imagens, fincadas no tempo (era setembro de 1973) e no espaço (a rua chilena), e mobilizadas pela ação (a fuga), nos introduzem de chofre no cerne do livro que mal começamos a ler. Conforme dirá o narrador um pouco adiante, trata-se da história de “um homem correndo da polícia”, obviamente, não de um infrator qualquer.⁸ No passo seguinte, somos arremetidos ao ponto em que tudo começou, o golpe

militar no Brasil, não sem antes nos depararmos com o motivo que teria levado o narrador a contar sua história: “Se escapo de mais essa, escrevo um livro contando tudo. Tudo? Apenas o que se viu nesses dez anos, de 68 para cá, ou melhor, a fatia que me tocou viver e recordar” (p. 12).

Não importa tanto saber se a idéia do livro teria mesmo ocorrido ali, durante a escapada do massacre chileno. Ela é verossímil, até porque o narrador, saberemos depois, já escapara de outra ditadura, a brasileira. O importante da passagem é o que ela nos informa sobre a natureza da obra. O “tudo” sofre duas restrições violentas: o “apenas o que se viu” (o que já seria tarefa enorme para qualquer historiador), mas principalmente “a fatia que me tocou viver e recordar”. As coisas se afunilam no eu, na própria experiência, conforme se vê, e é este o aspecto que melhor define o livro. Ele dá liberdade ao contador da história, que dispõe de sua matéria como bem quer, e que avalia o andamento de uma época sob o ângulo declarado da sua subjetividade. Ora o vemos falando da avenida Rio Branco, ora de Estocolmo, onde passou a maior parte do tempo, ora de Paris ou do Chile. Tempos e espaços variados se interpoem, mostrando-nos um narrador em constante mobilidade, muito embora, no atacado ao menos, o ponto de vista em nada se altere. O vivido compreende um todo visto à distância e baixo um juízo fixo. Um juízo que certamente foi se formando no ato mesmo de viver, mas que muito provavelmente se cristalizou de vez nesse exercício de compreensão do passado que engendra a narrativa. Uma narrativa meditada e escrita a partir do prolongado exílio do seu autor fora do país. Mesmo quando se trata de reviver situações pregressas nas quais esteve diretamente envolvido, é com os olhos do presente da narração que o narrador retoma o que passou. Trata-se de uma onisciência todopoderosa, que certamente irrita os remanescentes da época, evocados ou não no livro, os quais acabam figurando ingênuos demais frente ao narrador de *O que é isso, companheiro?*.⁹ Mostrando dificuldades de escapar à esfera da própria subjetividade, por um lado Gabeira descontentou companheiros de geração e de luta, e por outro não logrou encontrar a forma do romance. Acabou tornando-se autor de um livro incômodo, que nem se consagra como testemunho, nem se realiza como ficção romanesca.¹⁰

Mas voltando à *in medias res*, em termos cronológicos, o golpe no Chile fica pelo meio do caminho entre a prisão do narrador no Brasil e seu exílio na Suécia. Na verdade, trata-se de ponto mediano num relato mais extenso, que toma os três primeiros livros do autor: *O que é isso, companheiro?*, *O crepúsculo do macho* e *Entradas e Bandeiras*, publicados ano a ano, entre 1979 e 1981. O conjunto forma uma trilogia que talvez possa ser chamada de “Trilogia do exílio”.

Ela fecha o ciclo da vida do autor às voltas com a resistência à ditadura no Brasil e suas conseqüências. No fundo, também podemos dizer, se trata de um livro só, pois talvez o escritor Fernando Gabeira, mesmo tendo publicado mais livros, só tenha relevância como autor dessa sua trilogia de luta, prisão e exílio.

Mas ainda é preciso voltar um pouco mais. Ao pensar em escrever seu livro, certamente Gabeira sabia que tinha em mãos um grande assunto: a guerrilha urbana da qual tinha tomado parte, e sobretudo o seqüestro do embaixador, a experiência mais empolgante de sua trajetória e provavelmente também daqueles que idealizaram e executaram aquela fabulosa operação. Algo de novela de suspense ou de romance policial transpira em relatos desse tipo, de resistência à ditadura. Narradores injetam sua adrenalina nos leitores que, mesmo conhecendo o fim dessas histórias, dificilmente piscam quando se trata de mergulhar nas cenas de combate entre as forças que se digladiavam: as da repressão e as da guerrilha. Há, sem sombra de dúvida, contorno épico naqueles acontecimentos: jovens militarmente despreparados envolvidos numa guerra fadada ao fracasso, devido à desproporção das forças envolvidas, mas colocando uma grande causa, a revolução, acima das contingências. São narrativas de derrota e desilusão, muitas delas difíceis de atravessar, dada a crueldade da matéria.¹¹ Mas são também narrativas cheias de humanidade, que acabam pondo em foco a generosidade de uma geração dotada de uma coragem sem precedentes, disposta à luta e ao sacrifício, tantas vezes, da própria vida.

E eis o problema: decerto não faltavam a Gabeira recursos intelectuais e artísticos para mergulhar mais fundo no assunto. Todavia, ao que parece, o autor tinha pressa em marcar logo o seu terreno, em dizer logo a que vinha. Prisioneiro do próprio ressentimento, aliás meio sem causa, o ponto de vista do narrador padece de rigidez. Em que pese a maestria do capítulo sobre o seqüestro, a ser abordado logo mais, a inegável beleza da luta quase não se mostra em seu livro.

As possíveis vitórias em batalhas de forças tão desiguais são mesmo difíceis de contabilizar. No entanto, elas existem. Em primeiro lugar, militantes e guerrilheiros abriram um rombo na hegemonia forçada do regime militar. Em 1974, atenuado o período mais duro da repressão, dizimados aparelhos e vidas, os militares começam a dar mostras de algum relaxamento no sombrio governo que capitaneavam. Muitos dirão que o panorama internacional, a crise do petróleo à frente, já não favorecia as promessas da ditadura, mas então como explicar os golpes no Chile, em 1973, e na Argentina, três anos depois? Obviamente, quando se conquistou a Anistia, em 1979, o país já não era o

mesmo da virada dos anos 60 para os 70. A ditadura fora se corroendo. No governo Geisel (1974-1978), enquanto “o pau ainda comia”, renasceram as manifestações contra o governo e as greves dos trabalhadores. O AI-5 não tinha mais o poder de fogo da era Médici, cujo curto período será lembrado como a pior época para as liberdades de expressão na história brasileira do século XX. A resistência era um calcanhar de Aquiles para o governo hediondo. Não eram os filhos dos pobres que a ditadura liquidava. A maior parte do contingente preso, torturado e assassinado provinha da classe média, que não tardou muito a furar os bloqueios da censura e a botar, quando possível, a boca no mundo. Se não for assim, a luta daqueles jovens contra a ditadura adquiriu um valor simbólico que a memória não irá apagar tão cedo. Por esta razão, as narrativas sobre o assunto permanecem exercendo grande fascínio nos que nelas se debruçam.

Entrada e prato principal

Dissemos atrás que Gabeira tinha um grande assunto nas mãos. Evidentemente, o seqüestro do embaixador é o ponto culminante da narrativa, de modo que podemos dizer: é muito provável que sem ele o livro (e o próprio autor, considerando-se o papel que ele passou a representar na vida pública brasileira) não existiria. Contudo, é preciso observar que, ao contrário de outros livros sobre a guerrilha, o melhor de *O que é isso, companheiro?* talvez não seja a ação tomada em si mesma, mas o processo que leva a ela e os seus desdobramentos. Com efeito, o seqüestro é narrado somente no penúltimo capítulo do livro, “Babilônia, Babilônia”, o segundo mais longo (com 33 páginas), que é seguido por “Onde o filho chora e a mãe não ouve”, o capítulo da prisão, maior do livro (83 páginas). Bem medidos, esses dois derradeiros capítulos, num total de dezesseis, compreendem a metade do livro e são, naturalmente, a sua parte mais emocionante. Consciente de que passará ao melhor de sua matéria, o narrador, no início de “Babilônia, Babilônia”, dialoga sutilmente com o leitor, como que preparando-o para saborear o prato principal depois da prolongada entrada a que correspondem os capítulos anteriores, todos eles curtos: “Chega um momento em que o narrador precisa ajustar melhor suas linhas, tensionar melhor o seu arco, tirar alguns efeitos técnicos. Todos esperam isso dele, sobretudo na hora da emoção” (p. 107).

A desproporção no tamanho dos capítulos - os quatorze pequenos podem corresponder à primeira parte da narrativa; os dois grandes à segunda - faz com que os menores funcionem ao estilo das rápidas tomadas ou *flashes*

cinematográficos que vão se alinhando, num crescendo marcado pelos acontecimentos e pela cronologia, até chegarmos aos dois últimos, nos quais o narrador se demora.¹² Aqui, o *flash* já não dá conta da espessura da matéria, encorpada pela ação e pela vida subjetiva, dela decorrente, que se intensificam. No limite, temos um livro dentro do outro, sendo o primeiro ligeiro, um pouco talvez à moda da crônica de jornal, e o segundo mais denso, ganhando em configuração romanesca. Mas indo à citação acima, não custa observar o jeito como o narrador se coloca. Trata-se, como se vê, de alguém com plena consciência do potencial literário da história que se dispõe a contar, e dos instrumentos a serem utilizados para contá-la. A intenção artística é evidente. É no ponto em que a narrativa deveria estar mais próxima do documento, pois o homem se prepara para falar de sua participação num dos acontecimentos mais espetaculares da história da resistência à ditadura, que ele se propõe a ser mais ficcional, ajustando suas linhas, tensionando o arco, tirando efeitos, enfim, sendo mais escritor que testemunha do fato. É dessa mistura de verdade e ficção que se mantém o interesse pela narrativa de Fernando Gabeira. O leitor tende a aceitar o convite, rendendo-se ao fascínio da história que vai ler.

Vimos que os capítulos iniciais do livro funcionam como preparação para a grande arrancada, que se confunde com o *grand finale* de *O que é isso, companheiro?*. Àqueles *flashes* correspondem os passos de um jovem jornalista em direção à militância política e à luta armada, cujo ponto culminante serão o seqüestro e a prisão. Da escadaria do JB às escadas do sobrado que funcionou como cativado do embaixador, o salto fora enorme: “Dali por diante, tudo se faria num outro ritmo” (p. 108), conforme diz o narrador. Sua vida não mais seria a mesma. É no décimo capítulo, não por acaso intitulado “O ritual de iniciação”, que ele ingressa na Dissidência Comunista: “Oficialmente, entrei para uma organização leninista na praça Antero de Quental numa tarde muito bonita” (p. 73). A beleza da tarde ganha roupagem irônica, pois se de um lado remete ao passado, com todos os seus sonhos, por outro faz contraste com o futuro sombrio que esperava o ingressante daquela organização. Veremos depois que no dia do seqüestro o céu estava nublado (p. 107). Mais tarde, quando o narrador chega à Argélia, sua primeira estação de exílio, “quase não havia luzes”.¹³ Não demora e o mesmo indagará: “O exílio que nos esperava seria mesmo como um túnel escuro?”¹⁴ Essa combinação de sonho límpido e realidade turva explica muito do livro. Páginas atrás, vimos que, ao escrever seu livro, Gabeira tinha, por assim dizer, o passado todo nas mãos. Podia pesar e medir o que vivera, jogando com os contrastes de uma experiência radical e complexa, sua e de outros tantos, graças à posição privilegiada que a distância no tempo e no espaço costuma proporcionar.

A preocupação literária do autor, cuja marca de estilo é a soltura, decerto bem treinada em sala de redação de jornal, aparece também na charmosa denominação dos capítulos. Os nomes tendem às referências culturais da época: “Fica conosco, Aragão” nos conduz ao samba-canção cantado por Néelson Gonçalves: “Fica comigo esta noite” (1961); “A guerrilha sobe o morro” faz lembrar os sambas engajados produzidos para ou em torno do CPC da UNE; “Somos todos cosmonautas” alude a um *best seller* dos anos 60: *Éramos todos astronautas?*; “Sangue, gases e lágrimas” à famosa frase de Churchill: “Sangue, suor e lágrimas”, e a uma banda americana de rock da década de 60: “Blood, sweat and tears”; “Retrato de família, com os homens” ao título do livro de Joyce: *Retrato do artista quando jovem*; “As histórias da O.” a um filme de sucesso nos anos 70: *L’Histoire D’O*; “Visita só aos domingos” ao filme de Jules Dassin: *Nunca aos domingos*, de 1959. Também notamos, no corpo do texto, citações do mesmo tipo. Por exemplo: “ali onde eu caí qualquer um caía” (p. 89) faz referência a uma passagem famosa do samba de Paulo Vanzolini, “Volta por cima”; ou “come chocolate, amigo” (p. 103) a um verso do conhecido poema “Tabacaria”, de Fernando Pessoa.

Uma leitura voltada para esse fim talvez pudesse revelar muitas outras referências feitas no livro. Das que apontamos, a mais significativa é a alusão no nome do capítulo “As histórias da O.”, ao filme pornô *Histoire D’O*, de 1975, do diretor Just Jaeckin, também conhecido por *Emmanuelle*, de 1973. Os dois filmes causaram espécie devido ao seu erotismo, hoje quase pueril, mas bastante ousado para a época. É, portanto, com apimentada ironia que Gabeira alude ao filme para tratar, no capítulo em questão, de ações importantes da O., a organização a que pertencia. Enquanto rebaixa a épica dos militantes, o gracejo, mais saboroso se não decorresse do ressentimento, remete-nos ao assunto central do livro: a cobrança insistente das cotas de satisfação individual nos meios da esquerda armada.

Do décimo ao décimo quarto capítulo temos os seguintes acontecimentos: a passeata dos Cem Mil, em “O ritual de iniciação”; a passeata dos Vinte e Cinco Mil, em “Ser Mãe”; a queda do Congresso da UNE em Ibiúna, em “Retrato de família, com os homens”; a assinatura do AI-5 e o assalto à casa do deputado Edgar de Carvalho, ação armada que trouxe recursos para a realização do seqüestro, em “As histórias da O”; e, finalmente, a visita a um amigo militante na prisão, em “Visita só aos domingos”. Observando assim, por alto, os assuntos dessa seqüência intermediária entre o início e o fim do livro, vemos as coisas mudando de figura e ganhando tensão. A euforia da passeata que arrastou multidões vai se esvaziando. É à medida que as massas desaparecem

da resistência que vão se multiplicando os grupos de luta armada. O que era amplo se torna restrito e se afunila, tal como na narrativa. Veja-se que a seqüência começa com a famosa manifestação e termina numa visita ao amigo preso. Veja-se, também, que a ação, pontuando os acontecimentos da época, vai num crescendo em direção ao seqüestro, para onde tudo converge.

Vale destacar, em meio aos eventos narrados, a apreensão da boêmia carioca, que se politizava, mais precisamente nos bares do Leblon: “Naqueles meses, mudou completamente a dinâmica dos nossos bares. Teríamos que pedir a um garçom que desse seu depoimento sobre a história de 68 no Rio de Janeiro. A política era o prato do dia em quase todas as mesas” (p. 74). Algum tempo depois, tal como o céu se nublara depois da tarde luminosa, os lugares freqüentados seriam outros: “Ao entrar na clandestinidade, também mudei de bar. Comia prato-feito e tomava uma caipirinha antes do almoço. Era o que o novo orçamento permitia. A revolução exigia os excedentes que eu gastava na carne assada com molho de ferrugem. Pobre revolução” (p. 75).

O juízo sobre a revolução, que talvez não se mostrasse tanto no ato, nos mostra a voz de comando do homem que se debruça para avaliar o passado. A revolução era pobre porque não dispunha de recursos materiais e humanos suficientes para derrotar o inimigo. Vista em retrospecto, sem os sonhos do momento, a missão parecia ser mesmo impossível: “Estávamos a caminho do AI-5, de um fechamento completo no quadro político, tínhamos de organizar as camadas médias, os operários e, ainda por cima, nos implantarmos no campo - onde seriam feitas as guerrilhas” (p. 88). Trabalho insano e demorado, como se vê, para pouca gente envolvida nele. Da exuberante passeata dos Cem Mil, passou-se à dos Vinte e Cinco Mil, conforme já vimos. A guerrilha se intensifica no instante mesmo em que mingua as condições objetivas para o seu sucesso, o que beira o paradoxo: “Como as estrelas que sentem seu declínio na metrópole e iniciam uma longa viagem pelo interior, partimos para o subúrbio” (p. 81). Ao subúrbio passa a corresponder a clandestinidade da luta armada, intensa e empolgante, mas sem bases populares para chegar à vitória. O que era objetivamente pequeno, acanhado e suburbano tornava-se, subjetivamente, grande, vultoso, fulgurante, pois, como diz o narrador “O sonho de muitos de nós era o de passar logo para um grupo armado (...). Era como sair da província para a metrópole, ascender de um time da terceira divisão para o campeonato nacional” (p. 89).

Perdas e ganhos

Nesses trechos que antecedem o capítulo sobre o seqüestro, as observações do narrador a respeito dos grupos de esquerda são implacáveis. Sobre o protesto quando da visita de Rockefeller ao Brasil: “Como sempre conseguimos fazer mal apenas a nós mesmos” (p. 85); sobre o ato de solidariedade aos presos em Ibiúna: “fomos ao contra-ataque com um time batido, buscando o gol de honra no último minuto” (p. 88); sobre o AI-5, que viria massacrar as esquerdas: “O povo mesmo não parecia ter sido tocado pelo AI-5. A vida corria seu curso normal” (p. 95). Aqueles, segundo o narrador, “já eram tempos sem luta de classes” (p. 99). Essas estocadas, que certamente fazem arrepiar os remanescentes de 68, levam a pensar no absurdo da situação: meia dúzia de jovens, a maior parte composta por estudantes, entrava na luta armada com o intuito de derrubar um regime que, naquela altura, ia de vento em popa, apesar do desgosto e dos protestos de uma minoria esclarecida da sociedade. A questão é saber se daria para ter sido diferente, o que foge às intenções e ao alcance deste artigo. Fiquemos, portanto, com o seguinte fato: as críticas ferozes do narrador acabam reforçando o interesse pelo capítulo do seqüestro, porque elas realçam o heroísmo da ação daqueles jovens que, com toda a precariedade, lograram um tremendo sucesso: negociaram com os três patetas da Junta Militar que comandava o país;¹⁵ devolveram o homem vivo e praticamente intacto - num lance que beira o genial, o embaixador foi libertado nas proximidades do Maracanã, em dia de jogo concorrido; ganharam espaço na mídia, obrigando o governo a divulgar seu manifesto; obtiveram a liberdade de quinze presos políticos e, para culminar, cativaram a população, que podia acompanhar pelos jornais, pelo rádio e pela TV o andamento daquele enredo espetacular, parecido com queda de braço ou tira-teima, e com contornos de um seriado policial.¹⁶ E acrescente-se, pois nunca é demais lembrar: tudo aquilo ocorreu em plena vigência do AI-5!

No atacado, as críticas de Gabeira à política partidária de esquerda talvez possam ser resumidas em três pontos. O primeiro deles é a falta de visão da realidade, levando os grupos de esquerda à luta armada, sem o apoio da população. A fórmula dos seqüestros, por exemplo, tenderia a se desgastar. Se for possível um paralelo, o primeiro deles poderia corresponder à passeata dos Cem Mil, o segundo à dos Vinte e Cinco Mil e os demais, cada vez mais acuados pela repressão, tenderiam a provocar indiferença, quando não a reprovção popular. Além disso, “No plano internacional, a repercussão (...), que era sempre forte no princípio (...) acabaria desaparecendo com os dias,

pois é enorme a quantidade de tragédias acenando para o interesse humanístico dos países chamados democráticos”.¹⁷ Espelhando a falta de apoio popular, a escassez de recursos humanos também contribuía para o estrangulamento dos grupos: “O avanço de uma organização era o resultado direto do declínio da outra” (p. 153). Ou: “Quando morreu, Lamarca estava no MR-8, que era [então] a organização mais forte de esquerda. Acontece que essa posição variava muito. Fazia tempo que novos quadros não eram recrutados por ninguém. Vivíamos um crescimento autofágico, baseados nos destroços de outros partidos de esquerda”.¹⁸

O segundo ponto é o despreparo intelectual dos militantes.¹⁹ A leitura mais realista do golpe de 64 contrariava a tese do PCB segundo a qual “o golpe de Estado de 64 tinha sido um produto da união dos latifundiários com o imperialismo norte-americano. Tudo para barrar os passos de uma burguesia nacional revolucionária que realizava, aos poucos, a revolução democrático-burguesa” (p. 37). Sendo assim, incorreu-se no erro de confiar “numa burguesia nacional revolucionária e ela era muito frágil” (pp. 37-38). Por seu lado, Marighella, que havia escrito o *Manual do guerrilheiro urbano*, afirmava que o país “vivia uma crise econômica e política sem precedentes”,²⁰ e que “as ações armadas, uma vez deflagradas, iriam se generalizar e de maneira nenhuma representariam um obstáculo para o trabalho no campo, para onde seriam canalizados os militantes que se queimassem na cidade” (p. 49). Depois de ter comparecido ao congresso da Organização Latino-Americana de Solidariedade, a famosa OLAS, em Havana, Marighella rompe com o PCB e funda a ALN: estava criado o fórum legitimador e aberto o caminho para a luta armada.²¹ A partir de então, a ação passaria ao primeiro plano, empurrando a reflexão teórica para o segundo. O lema agora era o seguinte: “Só a luta armada derruba a ditadura” (p. 51).

Foge às minhas intenções e à minha capacidade examinar esses assuntos mais a fundo. Todavia, as críticas, em parte ao menos, parecem proceder, sobretudo quando pensamos na velocidade daqueles tempos, os quais pareciam mesmo pedir mais ação que reflexão. Apenas dois anos transcorrem entre o congresso da OLAS, realizado em 1967, e o seqüestro do embaixador americano, realizado em 1969. Um tempo curto demais para aqueles jovens chamados à luta, muitas vezes, de vida e morte, antes que pudessem completar seus estudos, como gostaria o narrador, sobre a revolução que sonhavam poder fazer, e sobre o país que pretendiam revolucionar.

O terceiro ponto é a falta de abertura das organizações esquerdistas para os dramas individuais. Trata-se de um problema que atravessa o livro todo, e acreditamos já tê-lo abordado suficientemente ao longo deste artigo.

Para finalizar, *O que é isso, companheiro?* pode ser lido como a história de uma derrota política, de cujas ruínas nasce um novo homem. O exílio lhe possibilita fazer a revisão do passado, reconduzindo sua existência noutros moldes ou, mais precisamente, naqueles mesmos que o narrador reivindicava no seio da luta partidária. O livro é um pacote glamouroso, contendo uma crônica sedutora sobre aquele período tumultuado e complexo da vida brasileira. Trata-se de narrativa leve, até certo ponto, e cheia de truques, com o narrador intervindo a todo instante nos acontecimentos narrados. Um narrador que, como foi visto, tudo avalia, e que procura fechar o cerco da interpretação do leitor, seduzindo-o para o seu ponto de vista. Um narrador, enfim, que vinha a calhar numa época de refluxo ou revisão das idéias e programas de esquerda. Uma época, por exemplo, em que a URSS invadia o Afeganistão, em que os operários poloneses se rebelavam contra o regime soviético de seu país, em que Jimmy Carter propagandeava sua política de direitos humanos, em que se decretava o boicote às Olimpíadas de Moscou etc. Mas também era um tempo de desafogo, final de uma década muito opressiva. Um tempo de cansaço e, talvez, de maior tolerância e de perdão. É nesse contexto que o livro tirado da mala do recém-chegado aparece e, como se diz na gíria, abafa. Um contexto que, para além da realidade imediata, talvez estivesse inaugurando a melancólica era neoliberal que hoje atravessamos.²²

Por trás daquele estilo solto, direto e desprezioso, estava um homem que parecia abaixar a crista, o que certamente cativou o público. Quando chega a hora de relatar a tortura, o narrador não poderia ser mais humilde: “Não tenho direito de falar dela como um grande torturado (...). Meu sofrimento, perto do que vi e soube, foi insignificante” (p. 173). Aspectos como este convocam a simpatia do leitor. A narrativa não é de confronto. No avião rumo à Argélia, ao que parece, o ambiente era de confraternização entre os presos políticos libertados e os policiais que os escoltavam (p. 174). Este clima de conciliação, narrado nas páginas finais, permeia todo o livro, embora não retire a acidez da ironia e do ressentimento do narrador para com as organizações de esquerda que, bem ou mal, lhe garantiram presença na história.²³

Sem dúvida, é grande o narcisismo do autor. Mas convenhamos que sem narcisismo, em maior ou menor dosagem, não se escrevem memórias. A narrativa de *O que é isso* é uma narrativa de meditação sobre uma experiência, conforme observou tão bem Davi Arrigucci Jr. O livro segue distante dos síndusos ensaios sociológicos e próximo das saborosas crônicas literárias. Sua vocação para mercadoria ganhou novo fôlego, mais recentemente, quando foi retirado da semi-clandestinidade em que se encontrava pelo filme, bastante comercializado, de Bruno Barreto. Filme e livro fizeram reacender polêmicas.

O autor recolocou-se em evidência, novas entrevistas foram dadas, edições voltaram às gráficas e o livro voltou a vender.²⁴ Seja como for, trata-se de um clássico do gênero. Um gênero até então sem força no Brasil e, salvo engano, inaugurado mais gravemente por Graciliano Ramos, com suas *Memórias do cárcere*. Na época, não havia a figura do pacifista *superstar*, nem o mercado havia se expandido tanto, nem o estilo literário havia se soltado de vez nas crônicas jornalísticas, nem se colocava o tema ou a necessidade do perdão. Graciliano escreveu um livro enorme e magoado, por vezes enfadonho, sobre sua experiência nos porões da repressão dos tempos de Getúlio Vargas. É o antecedente de Gabeira, tanto quanto a ditadura do Estado Novo antecedeu a ditadura militar.

Joaquim Alves de Aguiar é Professor da USP

Notas

1. GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?* 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Todas as citações de páginas serão feitas com base nessa edição.
2. Praticamente em cima da hora, num ensaio de 1981, Davi Arrigucci Jr. chamou a atenção para essa imagem central do livro: ao descer da sacada, o narrador mergulha numa experiência de “rápidas e sucessivas quedas”, até “o inferno da repressão e de si mesmo”, o que faz a ação equivaler “a um progressivo movimento para baixo”. Enquanto cai, o herói se descobre, perguntando “sobre o sentido de seus atos e sua verdadeira face”, de modo que o livro ganha contornos de um romance de formação. Ver, “Gabeira em dois tempos”. In: *Enigma e comentário. Ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 119-139. Sete anos depois, apareceria outro artigo de interesse sobre o livro (ver nota 10).
3. Há uma foto muito conhecida dos prisioneiros libertados, tirada antes do embarque, ao lado do avião que os conduziria ao exílio no México. Na impressionante descrição de Frei Betto, a pose “lembrava um time de várzea derrotado na bola e no braço. Não pareciam combatentes políticos a caminho da liberdade. A tortura os desfigurara. Eram mortos saídos da tumba, retomando amedrontados o contato com a vida”. Ver, do Autor, *Batismo de Sangue. Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. 6. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 67.
4. Ehrenfried Von Holleben foi seqüestrado em 11 de junho de 1970. No comando da operação estava Carlos Lamarca, líder da Vanguarda Popular Revolucionária, a VPR. Ver, de JOSÉ, Emiliano e MIRANDA, Oldack de. *Lamarca. O capitão da guerrilha*. 14. ed., São Paulo: Global, 1994, pp. 97-102.
5. GABEIRA, Fernando. *O crepúsculo do macho. Depoimento*. 6. ed., Rio de Janeiro: Codecri, 1980. Note-se aqui, mostrando o sucesso do Autor, a quantidade de edições tiradas do seu segundo livro, no mesmo ano do seu aparecimento.

6. Levado ao cinema por Bruno Barreto, em 1996, o livro de Gabeira, que andava esquecido, enfrentou, tanto quanto o filme, uma onda considerável de ataques. Baseamo-nos aqui em duas obras recentes, publicadas na esteira do lançamento do filme: Vários Autores. *Versões e ficções: o seqüestro da história*. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 1997; e BERQUÓ, Alberto. *O seqüestro dia a dia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

7. Vejam-se, por exemplo, as observações de Daniel Aarão Reis Filho: “A experiência dos anos 60 é assim: como um quebra-cabeças, recusa-se a avaliações definitivas”; e de Jorge Nahas: “Não podemos cair na tentação de que exista a história e de que esta ainda não foi escrita. Porque ela está sendo escrita e filmada, e hoje faz parte do ‘show business’ (...)”. *Versões e ficções*, cit., respectivamente, pp. 101 e 138.

8. A expressão “um homem correndo da polícia”, que faz lembrar *O Fugitivo*, seriado televisivo de sucesso nos anos 60, funciona como truque para acender o interesse do leitor, pois, de fato, o herói só fugirá da polícia uma vez, tentando inutilmente escapar do cerco que a repressão lhe preparou em São Paulo, meses depois do seqüestro realizado no Rio. Ver a passagem sobre a prisão nas pp. 164-165 do livro.

9. Sobre o ponto de vista do narrador, como já vimos, o alvo principal das críticas feitas ao livro, veja-se a precisa observação de Daniel Aarão Reis Filho: “A visão do período, amadurecida coletivamente no longo exílio, é retrospectivamente localizada no fogo mesmo dos acontecimentos, concentrando-se no personagem principal. E assim, Gabeira/guerrilheiro ressurge descolado da ingenuidade ambiente, reescrito pelo autor com uma superconsciência das tragédias que haveriam de vir”. *Versões e ficções*, cit., p. 36.

10. Preso demais à própria individualidade, Gabeira não teria logrado alcançar a forma do romance, mesmo quando se apresentou como romancista, em seu livro *Hóspede da utopia*. Conf. Vera Follain de Figueiredo, “Nos trilhos da memória: uma leitura de Fernando Gabeira”. In: *O eixo e a roda*. Revista de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da UFMG, vol. 6. Belo Horizonte, julho de 1988, pp. 263-274.

11. Ver, por exemplo, o livro de PAZ, Carlos Eugênio. *Nas trilhas da ALN. Memórias romanceadas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. O narrador, espécie de Robin Wood da metrópole, refere-se com frequência à sua adrenalina, ativada nas situações de contravenção, próprias da luta armada em que mergulhou: assalto a banco, joalheria e carro pagador; tentativa de explosão de ponte, justicamento etc. Diferente do livro de Gabeira, a narrativa é de confronto; a luta aparece em carne viva.

12. Alípio Freire observa, com ironia cortante, acusando Gabeira de fanfarronice, que o primeiro bloco do livro “estrutura-se fundamentalmente como uma peça de teatro de revista”, com sua “série de pequenos ‘sketches’”. *Versões e ficções*, cit., p. 159.

13. GABEIRA, Fernando. *O crepúsculo do macho*, cit., p. 12.
14. Idem, ibidem, p. 13.
15. “Os três patetas”, assim eram chamados os ministros militares que, em 1 de setembro de 1969, tomaram o governo para não entregá-lo a um civil, o vice-presidente Pedro Aleixo, uma vez declarado o impedimento de Costa e Silva. A Junta era composta por Aurélio de Lira Tavares (Exército), Rademaker Grunewald (Marinha) e Márcio de Souza Melo (Aeronáutica).
16. Segundo Paulo Moreira Leite, o seqüestro caiu na boca do povo: “nos quatro dias em que aguardou o desfecho do episódio, o país falava do embaixador norte-americano no botequim, nas conversas de escola, nos jantares em família, na fila do cinema”. *Versões e ficções*, cit., p. 52.
17. GABEIRA, Fernando. *O crepúsculo do macho*, cit., p. 89.
18. Idem, ibidem, p. 90.
19. “Nenhum de nós havia lido *O capital*, nenhum de nós conhecia profundamente a experiência revolucionária em outros países, nenhum de nós, enfim, problematizara algum aspecto do marxismo, ou mesmo inventara um campo novo para pesquisar. Tendíamos a uma concepção estreita do movimento e muitos achavam, mesmo, que a ação era tudo”. GABEIRA, Fernando. *O que é isso companheiro?*, cit., p. 147. Numa entrevista dada a Helena Salem, Vera Sílvia Magalhães, que participou do seqüestro do embaixador norte-americano, desmente as acusações de Gabeira quanto ao “baixo nível” (a expressão é dele) intelectual e o atraso dos militantes no relaxamento do conservadorismo moral burguês. Ver: *Versões e ficções*, cit., pp. 63-64. O debate pode ser infinito. Emiliano José e Oldack de Miranda referem-se aos esforços de Lamarca para superar sua “fragilidade teórica”. Ver: *Lamarca. O capitão da guerrilha*, cit., pp. 54-55. Na avaliação de Herbert Daniel, a militância roubava o tempo da reflexão: “não enfrentávamos, absolutamente, nenhum problema teórico. O nosso problema era prático e só a prática revolucionária responderia”. Ver, do Autor, *Passagem para o próximo sonho. Um romance autocrítico*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982, p. 94.
20. De acordo com Alfredo Syrkis, Lamarca pensava diferente. Para este outro grande líder esquerdista, “era ridículo, nessas [naquelas] alturas do campeonato, pretender que o capitalismo brasileiro vivia uma crise de estagnação. Há três anos que cresce a mais de 10% ao ano, e a esquerda era a última a reparar”. Ver, do Autor, *Os Carbonários. Memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global, 1980, p. 280.
21. “O clima em Havana era de euforia perante a iminente derrota das tropas norte-americanas no Vietnã e o ascenso dos movimentos guerrilheiros na América Latina (Che Guevara organizava as guerrilhas em pleno coração da América do Sul, na Bolívia). Criar um, dois, três Vietnãs!... era a palavra de ordem mais repetida na OLAS”. Conf. BETTO, Frei. *Batismo de Sangue*, cit., p. 32. Dois meses depois, em outubro de 1967, Guevara seria morto em

combate, na selva boliviana. De acordo com Herbert Daniel, a morte do *Che* não serviu como alerta, nem foi encarada como derrota: “Foi uma morte plena de esperança”. Ver, do Autor, *Passagem para o próximo sonho*, cit., p. 94.

22. O elogio da competição e do mercado, na pauta dos dias que correm, já se encontrava no discurso do embaixador alemão seqüestrado em 1970. De acordo com Alfredo Syrkis, “o seu negócio era um mundo aberto, a livre circulação de pessoas, idéias e capitais. Um mundo internacionalizado, onde a eficiência e a competência seriam a mola mestra do desenvolvimento”. Ver, do Autor, *Os carbonários*, cit., p. 186.

23. Escrito e lançado praticamente na mesma época, *Os carbonários*, de Alfredo Syrkis, cit., fez quase tanto sucesso quanto o livro de Gabeira. Syrkis segue a trilha ideológica de Gabeira, mas não escreveu um livro ressentido. Talvez vá nisso a formação do autor, que, diferente de Gabeira, saiu da escola diretamente para a militância, com “ânsia de ser herói” (p. 132). Suas referências a Carlos Lamarca são bastante elogiosas. Elas combinam firmeza revolucionária, capacidade de visão, desejo de aprender e humanidade no trato com as pessoas. Ver, por exemplo, pp. 250, 258, 269-270 e 280.

24. Paulo Moreira Leite afirma que *O que é isso companheiro?* vendeu 500 mil exemplares, cifra astronômica no mercado editorial brasileiro. Ver: *Versões e ficções*, cit., p. 51. Já na quarta capa da edição que utilizamos ao longo deste artigo, se diz: “Mais de 250 mil exemplares, em mais de 40 edições”.

Resumo

O presente artigo retoma novas e antigas discussões sobre o livro-chave de Fernando Gabeira. Por que tal obra despertou tanto interesse? Quais as qualidades e problemas que ela apresenta? É na tentativa de discutir estas e outras questões que nos detivemos, mais uma vez, em *O que é isso, companheiro?*.

Palavras-chave

Memorialismo, ficção brasileira contemporânea, literatura e sociedade, memória e ficção.

Abstract

The present text retakes new and old discussion about Fernando Gabeira´s key-book. Why did such work caused so much interest? What are the qualities and problems it presents? In order to try and discuss these and other questions we, once more, have leant towards *O que é isso, companheiro?*.

Key-words

Memorialism, contemporary Brazilian fiction, literature and society, memory and fiction.